

PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ENSINO HÍBRIDO E REMOTO: HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Thamara Luiza da Silva e Lima (SEDUC/MT) - thamara.luiza93@gmail.com

Bernadeth Luiza da Silva e Lima (SME/MT) - bernadethluiza@gmail.com

Cleire Oliveira Rodrigues (SME/MT) - kei.oliveira@hotmail.com

Silvia Maria dos Santos Stering (IFMT) - silvia.stering@ifmt.edu.br

GT 2: EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Resumo:

Diante do desafio de ensinar no período de pandemia, o ano de 2020 será recordado em razão da necessidade do processo de ressignificação na relação de ensino e aprendizagem, haja vista, que devido o período pandêmico foi preciso manter distanciamento físico, desse modo a prática pedagógica necessitou lançar mão do modo de ensino não presencial resultando assim, em uma reestruturação dos ambientes de ensino diante das inovadas práticas didático-pedagógicas, com novas maneiras de comunicação e convívio pelos espaços e ambientes da internet, sejam eles remotos ou simultâneos. No que tange ao ensino das disciplinas de História e Geografia, foi necessário se reorganizar diante dos efeitos da pandemia do Covid 19, que colocou fim à hegemonia da didática magna postulada por Comenius, e desse modo se adaptar ao contexto exigido pelos modos de ensino híbrido e remoto. Este estudo tem por objetivo avultar o processo de ressignificação da relação de ensino e aprendizagem de História e Geografia na Rede Municipal de Ensino de Cuiabá de forma a evidenciar as demandas do ensino dessas disciplinas, de forma a apresentar as dificuldades e possibilidades impostas pelo ensino remoto, pautada em uma pesquisa de natureza bibliográfica, via pesquisa participante.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Geografia. História. Ressignificação.

1 Introdução

Ao iniciar um ano, têm início também expectativas de mudanças e consolidação de projetos, porém em território brasileiro, tais transformações, podem se materializar após o período festivo, ou seja, quando termina o carnaval, considerada uma festa popular que foi considerada em seu início uma festa pagã e hoje faz parte do calendário brasileiro. 2020 é um ano que ficará na memória da humanidade, ao considerar o contexto pandêmico ocasionado pelo Covid 19- **SARS-CoV-2**, episódio que tem provocado uma desconstrução e reconstrução de modos de pensar e agir das pessoas na atualidade e possivelmente em um futuro mais próximo ou remoto. Fato que nos leva à reflexão da relação de ensino e aprendizagem no contexto das disciplinas de História e Geografia, no atual contexto.

A pandemia revelou a necessidade do distanciamento social, desse modo, impactou diretamente no modo de coexistir dos seres humanos em escala mundial, considerando todas as dimensões, inserindo modo de trabalho e conseqüentemente o processo formativo, revelando

um novo comportamento na forma de ensinar e de aprender, resultando no processo de produção do conhecimento, no qual o ensino e a aprendizagem de história e Geografia não estão isentos.

Como resultado desse fenômeno pandêmico ocorreu a manifestação da realidade ignorada pelo desenvolvimento do trabalho humano, com destaque para o trabalho do professor, até então constituído sob a ótica da didática comeniana, onde o ensino presencial se apresentava como uma possibilidade incontestável para se desenvolver a relação de ensino e aprendizagem, que de modo inesperado precisa ser substituído pelo ensino remoto e mediatizado pelo ensino híbrido, objeto de reflexão deste artigo.

A História e a Geografia são ciências onde as suas estruturas têm sofrido diferentes transformações ao longo do tempo, principalmente ao que se refere ao seu desenvolvimento teórico-conceitual. A compreensão das transformações conceituais pelas quais essas disciplinas têm passado ao longo do tempo, é imprescindível para se entender e compreender o papel de cada uma no que diz respeito aos fenômenos sociais contemporâneos, considerando que se trata de ciências que envolvem questões voltadas para a vida em sociedade, relativas às dimensões tempo, espaço e território, bem como as diferentes formas de interação entre sociedade e natureza.

No ato de enfrentamento diante da situação pandêmica, no anseio de encontrar soluções a Secretaria Municipal de Ensino (SME), adota uma postura com objetivo de cumprir as determinações legais e melhorar a qualidade da oferta educativa, optou pela utilização de recursos tecnológicos do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, para realizar o confronto da problemática como uma possível solução de aprimoramento da oferta no ano letivo de 2020. Nessa perspectiva, é fundamental uma postura reflexiva diante das contribuições que a história e a geografia vêm apresentando para a sociedade na busca de resultados oriundos de intensos debates e reflexões, análises, e enfrentamentos teóricos metodológicos que contribuem para a revisão dos paradigmas e conceitos que a História e a Geografia têm de acordo com os seus objetos científicos na relação entre ensino e aprendizagem, no século XXI, potencializado pelo ensino remoto e híbrido.

2 O Ensino de geografia e história sob uma ótica interdisciplinar

Em sua obra intitulada “A Geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra”, Lacoste (1988) interroga o saber geográfico, a geografia e as práticas que o constituem ou

implementa. O autor deixa de lado algumas velhas e renitentes questões e propõe outras. A pergunta essencial que permeia toda essa tua obra é: para que serve a geografia? Na interpretação de Lacoste, existem duas geografias, a que é destinada ao campo da graduação universitária, dos professores, das salas de aulas e dos livros didáticos, da área de turismo e a outra praticada pelo Estado maior, pelas grandes empresas, pelos aparelhos de Estado. Sendo que esta última é a mais antiga, tendo nascido desde os adventos dos primeiros mapas, já a geografia dos professores, a mais recente tendo sido engendrada para servir de discurso ideológico de mistificação do espaço, a fim de escamotear a importância de saber pensar o espaço e nele se organizar. Desse modo o autor, traz à reflexão da necessidade que temos de assumirmos nossa função de estrategistas de saber o espaço para nele agir mais eficientemente e desse modo superamos o viés ideológico da geografia. É, portanto, objeto de estudo da geografia o espaço geográfico, o seja o espaço de vivência do ser humano.

Para Pirenne (1934), não é ao método histórico, mas ao próprio objeto da história, que se deve acusar pela falta de precisão dos historiadores e o fato de que seus resultados aparentam incertezas e contradições. Os fenômenos humanos que eles estudam não podem se apresentar a todos sob a mesma ótica. É preciso apenas um momento de reflexão para compreender que dois historiadores, que possuem os mesmos materiais, não os tratarão de maneira idêntica. Já que a imaginação criativa que permite diferenciar o caos dos fatos dos movimentos gerais varia de um a outro, mas também porque eles não têm as mesmas ideias quanto à importância relativa dos motivos que determinam o comportamento dos homens.

Desse modo, o autor já citado declara que, para cada historiador seus relatos apresentarão inevitavelmente os mesmos contrastes de suas personalidades, conforme o valor relativo que dão à ação individual ou à influência dos fenômenos coletivos; e, entre esses, conforme a importância que atribuem aos fatores econômicos, religiosos, étnicos ou políticos. Desse modo, O objeto de estudo do historiador é o desenvolvimento das sociedades humanas no espaço e no tempo.

Ao considerar a história e a geografia como ciências humanas que estão bastante interligadas, já que se complementam em seus objetos de estudo espaço-temporal, é imprescindível que na prática pedagógica o professor busque uma prática onde se possa conceber uma busca de um trabalho que integre essas duas disciplinas, pautando-se em uma visão de área do conhecimento e abortando a ideia de um trabalho disciplinar. Para tanto, é necessário que haja um melhor entendimento do objeto de estudo desses componentes curriculares, para que se não perca a essência. Diante desse contexto a Base Nacional Comum

Curricular (BNCC) (2018), destaca que as Ciências Humanas contribuem para que os estudantes desenvolvam a cognição “in situ”, sem dispensar a contextualização marcada pelas noções de tempo e espaço, conceitos essenciais da área.

Dessa forma a prática educativa que interage história e geografia, está pautada em um olhar onde as categorias de cognição e contexto, são elaboradas conjuntamente. Tomando como referência a BNCC:

[...] em meio a circunstâncias históricas específicas, nas quais a diversidade humana deve ganhar especial destaque, com vistas ao acolhimento da diferença. O raciocínio espaço-temporal baseia-se na ideia de que o ser humano produz o espaço em que vive, apropriando-se dele em determinada circunstância histórica. A capacidade de identificação dessa circunstância impõe-se como condição para que o ser humano compreenda, interprete e avalie os significados das ações realizadas no passado ou no presente, o que o torna responsável tanto pelo saber produzido quanto pelo controle dos fenômenos naturais e históricos dos quais é agente. (BRASIL, 2017, p. 353).

Para tanto, o professor deve buscar o raciocínio espaço – temporal, compreendendo que o ser humano assim como cria, ele também se apropria do espaço em determinada condição de sua história.

A BNCC (2017) declara que A abordagem das relações espaciais e o consequente desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal no ensino de Ciências Humanas precisam ser voltados para a compreensão, pelos estudantes, dos tempos sociais e da natureza e de suas relações com os espaços. A exploração das noções de espaço e tempo deve se dar por meio de diversas linguagens, de modo a permitir que os estudantes se tornem produtores e leitores de mapas dos mais variados lugares vividos, concebidos e percebidos. Portanto, sob a ótica da geográfica, os espaços percebidos, concebidos e vividos não uma única sequência, é preciso romper com ideia a crença de que tenha necessariamente que haver uma de modo simultâneo uma leitura geo-histórica dos fatos e uma análise com abordagens históricas, sociológicas e espaciais (geográficas).

É papel da Educação brasileira descompartmentar o ensino em disciplinas, onde o saber é fracionado, nesse sentido Morin (2000) as disciplinas, da forma como estão estruturadas, servem apenas para isolar os objetos do seu meio e as partes de um todo. Cabe ao professor na sua prática pedagógica, possibilitar conexão entre as disciplinas, sobretudo com as de história e geografia, um fazer pedagógico interdisciplinar pode promover com a integração de diferentes disciplinas, possibilitando aos estudantes que a olhar um mesmo objeto sob diferentes pontos de vista.

Barros (2010), afirma que história e geografia se apropriam da mesma experiência significativas conexões no campo da interdisciplinaridade, já que essas disciplinas visualizam o ser humano em sociedade como um objeto de estudo e conseqüentemente, espaço-temporalidade são a base para que haja conexão entre elas.

É papel da história e da geografia, proporcionar ao estudante a capacidade de conhecer e decifrar o mundo, principalmente no seu contexto de vivência, onde não se desconecta, de uma escala mundial, considerando os diferentes aspectos como, política, cultura, economia e questões sociais.

Desse modo, a prática pedagógica que valorize uma visão de trabalho pautada no ensino através da Área de Ensino, que permeia a Geografia e a História permite uma intervenção na avaliação das intervenções dos seres humanos em sociedade, entre si mesmos e com a natureza, bem como seus resultados em espaços e tempos diferenciados. Os estudantes podem construir um pensamento alusivo que motivem ações em questões sociais, políticas, econômicas e ambientais dentro da atualidade. A analogia entre o passado, presente e futuro é fundamental, fazendo com que os alunos acrescentem e aprimorem os seus conhecimentos históricos e geográficos.

3 Ensino remoto: possibilidades e desafios: (Re) significando a forma de ensinar e aprender diante das possibilidades do ensino remoto

Os diferentes aspectos da nossa vida em sociedade têm sido afetados pela internet atualmente de forma significativa. Haja vista que essa influência da rede virtual, repercute de modo considerável para quem faz uso e produz conhecimentos mediante as Tecnologias de Comunicação e Informação – TIC. A utilização deste recurso permitiu a existência de uma nova relação com a informação, de forma a proporcionar aspectos de coautoria que possibilita aos usuários da rede mundial de computadores participarem de forma efetiva de todas as esferas da sociedade, devido ao seu potencial colaborativo, fazendo surgir a denominada inteligência coletiva (LÉVY, 1999).

No âmbito do campo educacional, a natureza revolucionária das TIC e o senso do aprimoramento contínuo alicerçado pelas sociedades têm dinamizado a transformação do sistema educacional e da estrutura organizacional da Escola de forma especial, no sentido de possibilitar sua incorporação. Daí o porquê da expectativa em relação aos avanços tecnológicos,

que, ao serem transformados em instrumentos pedagógicos no ambiente escolar e na prática pedagógica dos professores, sejam capazes de desenvolver uma transformação positiva nos meios educacionais, a exemplo do que já ocorreu em outros setores da sociedade.

Nesta direção, podemos exemplificar, evidenciando que as tecnologias do século XXI conseguem ressaltar a importância de dois fatores a influenciar a aprendizagem:

- a) o papel da interação dialógica e;
- b) o papel da motivação para a aprendizagem.

Tais aspectos são percebidos em função do fato de que na era tecnológica, a aprendizagem ocorre de maneira dinâmica e contínua via recursos tecnológicos e das redes sociais, resultantes de um trabalho colaborativo e de trocas de experiências entre sujeitos historicamente determinados dos mais diferentes níveis e contextos sociais.

Ao parafrasear Souza (2018), percebe-se que o nosso cotidiano se modificou diante das transformações impostas por regras e normas de comportamento e a escola diante desse contexto tem buscado se ressignificar para vencer novos desafios e possibilidades de se educar em tempos de pandemia.

Na atualidade, a sociedade mundial e brasileira experimenta uma revolução tecnológica sem precedentes, a transformar a sociedade como um todo, e nestas circunstâncias, a instituição Escola certamente não poderá ficar de fora, principalmente porque dentre as suas funções está a de preparar o cidadão para os desafios do futuro. Faria e Giraffa (2012, p. 2), afirmam que “a principal função da docência neste quadro de transição da era analógica para a era digital é propiciar caminhos que facilitem a apropriação do conhecimento pelo aluno”. Mais do que nunca os docentes carecem ultrapassar a visão superada de achar que podem ensinar tudo aos estudantes, como fora um dia proclamado por Comenius, uma vez que evoluímos, mediante universo informacional que se criou e que os estudantes têm acesso. Neste sentido, se faz necessário deslocar o eixo da ação docente do ensinar para focar o aprender e, principalmente, o aprender a aprender (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2013).

O cenário atual, em especial em função da necessidade do distanciamento social, evidencia a necessidade da qualificação do professor a fim de atuar mediante uso de recursos tecnológicos disponibilizados pela *web* global que possibilita o acesso a uma variedade relativa a conteúdos: textos, apresentações, vídeos, simulações, gráficos, nos mais diversos formatos midiáticos, além de recursos educacionais abertos – os REAs – encontram-se disponíveis em

quase todas as áreas do conhecimento, via licenças *Creative Commons* que disponibilizam para livre acesso mediante citação da fonte (NASCIMENTO, 2019).

No século XXI, tem sido perceptível o movimento pela utilização de recursos tecnológicos na esfera educacional, o que tem sido potencializado pela pandemia. O uso do ensino remoto abre espaço para combinar práticas pedagógicas já estabelecidas, com práticas inovadoras e, ao mesclá-las, produzir o que vem sendo denominada de ensino híbrido, uma possibilidade viável, tendo em vista sua capacidade de fazer a junção dos aspectos positivos do ensino presencial, com os aspectos inovadores do ensino à distância, possibilitando a articulação destas duas possibilidades educativas.

É fundamental reconhecer que no ensino remoto, assim como no presencial, os estudantes possuem necessidades, trazem em sua bagagem experiências e expectativas que de uma forma ou de outra precisam ser atendidas, conforme afirma Freire (1981, p. 47): “Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais”.

No ensino remoto o aluno tem o acesso à uma educação mais flexível, uma vez que tem a opção de gerenciar com autonomia o seu horário e o seu local de estudo, conforme suas necessidades e seu ritmo pessoais. Tal possibilidade admite que algumas pessoas, por questões de distância geográfica, horários de trabalho ou por outras razões não puderam ou não podem cursar o ensino presencial, possam realizar um ensino de qualidade.

Importante se faz conceituar ensino híbrido:

[...] o ensino híbrido é uma abordagem pedagógica que combina atividades presenciais e atividades realizadas por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs). Existem diferentes propostas de como combinar essas atividades, porém, na essência, a estratégia consiste em colocar o foco do processo de aprendizagem no aluno e não mais na transmissão de informação que o professor tradicionalmente realiza. De acordo com essa abordagem, o conteúdo e as instruções sobre um determinado assunto curricular não são transmitidos pelo professor em sala de aula. O aluno estuda o material em diferentes situações e ambientes, e a sala de aula passa a ser o lugar de aprender ativamente, realizando atividades de resolução de problemas ou projeto, discussões, laboratórios, entre outros, com o apoio do professor e colaborativamente com os colegas. (BACICH; NETO; TREVISANI, 2015, p. 13).

Na prática, como resultados têm o desenvolvimento de vantagens educativas entre as quais podemos mencionar: melhor aproveitamento do tempo em sala de aula, a criação de um novo espaço/tempo para interação, a flexibilização do ensino e da aprendizagem, a possibilidade do desenvolvimento de um ensino personalizado, o atendimento individualizado,

a retroalimentação constante, o acompanhamento do processo e a avaliação formativa (ZAMBRANO; VILLALOBOS, 2013, p. 5). Pode-se afirmar que nunca antes o contexto educativo foi tão dinâmico e perpassado de variedade, de informações e fontes.

As transformações que as TIC proporcionam nos processos produtivos avigoram o imperativo de reavaliar o papel do professor, que se encontra desgastado diante da sociedade, e que pode ser ressignificado mediante prática do ensino híbrido.

4 Os desafios de ensinar e aprender: o processo de transição em um contexto digital e dialógico

Importante se faz destacar que inexistem receitas ou fórmulas para a mudança de paradigma, diz respeito a uma mudança dinâmica, contínua e em constante transformação na direção de atender às demandas da sociedade atual, necessariamente tecnológica. Nesta direção, em se tratando de tais mudanças, os estudantes estão melhores preparados que os professores, tendo em vista que estes pertencem a uma geração que já nasceu com uma conexão direta com os recursos tecnológicos, denominados por alguns estudiosos por geração Z, que, na perspectiva de ‘nativos tecnológicos’, estão familiarizados com as tecnologias e em geral têm maior fluência tecnológica que parte significativa dos professores.

Em sua pesquisa apresentada ao Conselho Nacional de Educação – CNE, Arruda (2018), demonstra a importância das TD, na Educação Básica, os argumentos, em sua maioria, dizem respeito à necessidade de que os estudantes sejam críticos, que consigam posicionar-se em um mundo com a primazia do desenvolvimento de técnicas e tecnologias que transformam a vida humana de modo cada vez mais veloz. Fala-se também, com frequência, da maior competitividade dos jovens que aprendem na escola conceitos e práticas que fazem uso das TD.

Diante deste processo dialógico de mudança, fica evidente que se faz necessário a reformulação da dinâmica das aulas mediante a diversificação no uso de recursos didático-pedagógicos, em especial no sentido de inserir os de cunho tecnológico, articulados às novas metodologias de ensino que possuem condições para destacar as peculiaridades de colaboração e interação entre os diferentes atores sociais que fazem parte do processo relativo ao desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

A transformação exigida na função do professor nesta era digital, denota que é preciso inserir os recursos tecnológicos na sua prática de ensino, uma vez que os discentes estão afeitos a estes recursos e por meio destes são capazes de produzir aprendizagens significativas, que atendem aos seus interesses imediatos, como têm demonstrado as aprendizagens informais obtidas das redes sociais. Como exemplo desta possibilidade podemos mencionar as visitas *on line* em países diferentes do Brasil, museus e bibliotecas virtuais.

No espaço da prática docente fica evidente a diferença no que diz respeito ao que seria ideal entre a realidade onde os professores insistem que ensinar é transmitir informações estruturadas, porém, a necessidade dos estudantes é que se lhes ensinem critérios para o desenvolvimento do senso crítico a fim de agregar em suas estruturas intelectuais o que for útil para seu processo de aprendizagem.

Desse modo, Mercado (1999) declara que as novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social, ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar os processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.

Conscientes de que existe uma diferença entre informação e conhecimento, e que, nem toda informação presentes na internet e nas redes sociais é confiável, será papel do professor, desenvolver novas maneiras de ensinar seu estudante a aprender, sem desconsiderar sua autonomia e motivação, como querem os adeptos das ideias de cunho behavioristas, nem a contribuição que pode advir da inteligência coletiva presente na internet. Assim ao professor caberá a responsabilidade de desenvolver nos alunos a criticidade e as habilidades e competências necessárias para filtrar, selecionar e transformar a abundante informação em conhecimento. Neste sentido, a internet está posta como um recurso fundamental que está à disposição da humanidade, e que possibilita a incorporação de mudanças expressivas na sociedade e consequentemente na escola.

Porém, é necessário destacar que os recursos tecnológicos não vieram para substituir o papel do professor, mas sim como um aporte de maiores possibilidades pedagógicas ao capacitar a disponibilização de muitos recursos em benefício da prática pedagógica e do processo de ensino e aprendizagem. Neste panorama, na escola, a prática pedagógica necessita lançar mão das diferentes tecnologias precisa ser realizada sob a ótica de um fazer pedagógico crítico para que se possa compreender, propor e desenvolver as estratégias de construção do conhecimento, e democrática para que ocorra a serviço de uma educação voltada para uma

mudança significativa na sociedade, tencionando a democratização dos saberes e das mídias. Para tanto, o objetivo primordial da prática pedagógica deve ser voltado para o saber dos estudantes, fazendo uso de todos os meios tecnológicos de informação e comunicação.

Ao conhecer os caminhos percorridos e reconhecer alguns dos desafios atuais na educação brasileira, em relação à junção de tecnologias no contexto escolar, percebe-se que é simultâneo que ao mesmo tempo em que abrem novas possibilidades para a prática pedagógica, também exigem mudanças no modo de pensar e agir. Desse modo, é necessário que o professor domine e se aproprie dos meios tecnológicos para seja possível superar a ideia de uma prática de ensino tradicional, que já se faz insuficiente frente às necessidades dessas gerações tecnológicas, em uma sociedade da informação.

Costa (2004), sobre os diferentes tipos de uso das tecnologias em educação ressalta que é necessário aprender a partir da tecnologia; aprender acerca da tecnologia; aprender através da tecnologia; aprender com a tecnologia. Observa-se que a tecnologia, vai além de meras ferramentas, pois os seres humanos estão concebendo as suas relações em redes imateriais, por intermédio das tecnologias, território onde é possível articular conhecimento, criatividade, crenças e valores com uma ordem quais as necessidades, habilidades e experiências dos membros ocorrem em territórios não fronteiriços entre o mundo real e o virtual.

Há muito tempo a educação escolar vem sendo questionada e pressionada a modificar suas práticas, não apenas por inserir recursos tecnológicos na prática pedagógica, mas por transformar seu paradigma de atuação. Diante desse contexto, Castells (2000), determina que a mídia com sua ação através das redes imateriais, exerce influência e poder no âmbito político, deixando claro que esse é o principal veículo para o exercício do poder:

[...] a mídia eletrônica (não só o rádio e a televisão, mas todas as formas de comunicação, tais como o jornal e a internet) passou a se tornar o espaço privilegiado da política. Não que toda a política possa ser reduzida a imagens, sons ou manipulações simbólicas. Contudo, sem a mídia, não há meios de adquirir ou exercer poder. Portanto, todos [os partidos políticos, de ideologias distintas] acabam entrando no mesmo jogo, embora não da mesma forma ou com o mesmo propósito. (CASTELLS, 2000, p. 367)

Para o autor, a força política opera também no campo informacional compondo dessa forma, o quadro de que as sociedades contemporâneas são basicamente midiáticas, ou seja, suas relações sociais e de poder são lardeadas pelos diferentes e diversos meios da mídia. Ao contrário da outra geração, que cresceu amparada pelo livro e os professores incentivavam a leitura como referência de conhecimento diante da diversidade cultural, ambiental entre outras.

A geração mais recente, que nasceu sob a égide da rede imaterial denominada internet, usa esta como base para informações, e entretenimento.

Sob essa ótica, ao se aprofundar nesse mundo, via computadores – que são as janelas – o usuário da internet torna-se um pesquisador na busca por informações e na educação do futuro, mediatizada por tecnologia que se embasa em um paradigma de ensino híbrido.

5 Ensino de geografia e história diante da elaboração do ensino híbrido: a prática desenvolvida pela SME

A rede municipal de ensino em Cuiabá, está pautada em uma prática pedagógica voltada para um saber interdisciplinar para o ensino de história e geografia, com o desenvolvimento das habilidades voltadas para o contexto regional, no qual os procedimentos, experiências e vivências dessas disciplinas propiciam mais interação entre o espaço vivido, entrelaçando o regional/local de acordo com os eixos temáticos e os temas transversais.

A SME tem como propósito possibilitar que cada unidade educacional, tenha possibilidade de organizar o seu saber pedagógico utilizando de recursos tecnológicos e mídias digitais disponíveis, e considerando a realidade dos familiares, fosse possível, se organizar em comunidades com parceria no intuito de se trabalhar a aprendizagem, motivando e mantendo a aproximação entre professores e estudantes, por meio de uma rotina de atividades diárias de ensino.

A organização curricular de todos os componentes curriculares foi conduzida organizando planejamento de atividades e socialização, onde se estabeleceu trocas e possibilidades de replicação em várias turmas do mesmo ano letivo, no que tange ao processo de avaliação das atividades, ocorreram de forma contínua socializando a correção com os estudantes e familiares, prevalecendo o bom senso, no sentido de analisar a melhor forma de fornecer as devolutivas, que ocorreram de modo coletivo no grupo ou de modo individual no privado, em grupo de WhatsApp. A relação entre professores e estudantes ocorreu diariamente, seja com docente cumprimentando os estudantes, postando as atividades do dia ou colocando-se à disposição para tirar dúvidas. A ludicidade como elemento fundamental efetivada com a produção e postagens de vídeos nos quais o professor realiza a leitura Deleite para os estudantes (SME, 2020, p. 07).

Diante do exposto, para que seja realmente ocorra o processo de construção do conhecimento é necessário considerar a forma de conceber o conhecimento mediante sua origem e seu desenvolvimento e, como resultado, se apresentar como uma nova capacidade de visualizar o universo, a vida e o mundo das relações sociais, questões que a BNCC visa nivelar ao ensino e aprendizagem de história e geografia e que a Secretaria Municipal de Cuiabá - SME busca garantir mediante prática pedagógica significativa.

A experiência realizada pela SME no início da proposta de utilização do ensino remoto no ensino de história e geografia e dos demais componente curricular pode ser demonstrada mediante um resumo das atividades trabalhadas, avaliadas e monitoradas em sua relação com os recursos midiáticos, tecnológicos e impressos utilizados nas unidades educacionais.

Para o registro dessas atividades, os professores, organizaram portfólios contendo os registros: das Competências, Habilidades/Direito de aprendizagens trabalhadas; das atividades aplicadas; e do desempenho de cada estudante e a sua frequência/participação.

6 Considerações finais

No atual contexto pandêmico, ficou evidente que no Brasil os professores sentiram a necessidade de se reorganizarem, se reinventarem e se ressignificarem, em sua prática pedagógica compreendida aqui como aprender e ensinar, o que simultaneamente oportunizou aos estudantes desenvolver novas formas de aprender.

As aulas remotas e híbridas, na prática, se expandiram, desse modo ocorreram em uma escala que foi vivenciada em âmbito nacional. Verifica-se uma experiência transformadora, que exigiu adaptações no cotidiano da educação, das Professoras e Professores que passaram a lecionar em “home office” e a disciplina de geografia não foi diferente, já que foi exigido do professor diante do saber geográfico, adaptação das suas formas de ensinar, de planejar, de avaliar, e de manter interações com a comunidade escolar.

O ensino foi mediatizado por intermédio de webnários, lives e livros, foi desenvolvido com características de inovação e novidade, sendo que inúmeras vezes as adaptações foram bastante desafiadoras, uma vez que os estudantes já possuem certa familiaridade com a tecnologia. Trata-se de um tempo de aprendizagem para todos, oportunidade em que a disciplina de geografia pode ser desenvolvida de forma dinâmica uma vez que se trata de uma

área do conhecimento comprometida em tornar o mundo e suas dinâmicas compreensíveis aos estudantes.

As ciências história e geográfica se articulam, pois já que a história estuda o homem no tempo e no espaço e a geografia estuda o espaço geográfico, ou seja, o espaço produzido pelo ser humano, sua relação entre si e com a natureza. Por intermédio desses estudos, podemos verificar diferentes fenômenos sociais que concorrem para a deflagração e dispersão da pandemia, e desse modo essas ciências se apresentam também como disciplinas com capacidade para explicar as mudanças territoriais e apontar soluções e reflexões para uma reorganização espacial. Desse modo, compõem-se em saberes fundamentais na formação da cidadania tendo em vista a heterogeneidade na composição étnica, socioeconômica, cultural e na distribuição espaço-temporal. Nesse sentido o ensino remoto e híbrido potencializa ainda mais o ensino e a aprendizagem da história e da geografia, pois, ocorreu uma (re) apropriação do ciberespaço no modo de ensino remoto proporcionando um ensino dessas disciplinas com relevância social e uma educação crítico-reflexiva.

A concepção espaço-temporalidade ocorre primeiramente no campo físico, porém ele se concebe de modo amplo e significativo na rede imaterial, composta pelos meios de comunicação, mais comumente na rede de internet, o que desconstrói a ideia de um espaço materializado, real, mas no campo virtual interativo, visto na atualidade como possibilidade de aula em campo, abrangendo os mais diversos temas estudados pela Área de conhecimento das Ciências Humanas, como diferentes fenômenos, sejam eles naturais ou sociais.

Referências

ARRUDA, E. P. **Implementação das tecnologias digitais nos currículos das escolas de Educação Básica dos países membros da OCDE**. In: Siqueira, IC P (Org.). Subsídios à preparação da BNCC: estudos sobre temas estratégicos da parceria CNE e Unesco. São Paulo, 2018.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. (Org.). **Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BARROS, José D'Assunção. **Geografia e História: uma interdisciplinaridade mediada pelo espaço**. Geografia (Londrina) v. 19, n. 3, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/> Acesso em 09 set. 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf. Acesso em 01 set. 2021.

CALTELLS, Manuel. **O poder da identidade** São Paulo: Paz e Terra. 2000.

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. **Geografia: conceitos e paradigmas** apontamentos preliminares. Rev. GEOMAE, v. 1, n. 2, Campo Mourão – PR, 2 semestre, 2010, p. 25-56.

COSTA, F. A. **O que justifica o fraco uso dos computadores na escola?** Lisboa: Polifonia, 2004. p. 19-32. Disponível em: www.fl.ul.pt/unil/pol7/pol7_txt2.pdf (Edições Colibri). Acesso em 07 de set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo; Paz e Terra, 1996.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. 19 ed. Campinas. SP. Papyrus, 1988.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papyrus, 2013. 170 p.

PERRENOUD, Phillipe, et al. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002b. 176p.

PIRENNE, Henri. A tarefa do historiador, Revue Le Flambeau, 14º ano, Agosto, 1931. Rede revista debate econômico. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/540-Texto%20do%20artigo-2000-2-10-20170118%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/540-Texto%20do%20artigo-2000-2-10-20170118%20(1).pdf). Acesso em 10. set. 2021.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CUIABÁ. **Pesquisa de campo SME/Listen**. Realizada no período de 06 a 09/04/2020.

SOUZA, E. P de. **Educação (a distância) desterritorializada e a formação de docentes on-line**. In: SALES, M. V. S. Tecnologias e educação a distância: os desafios para a formação. Salvador: Eduneb, 2018.

ZAMBRANO, Bárbara Valenzuela; Y VILLALOBOS, Maria Victoria Pérez (2013). **Aprendizaje autorregulado a través de la plataforma virtual Moodle**. Educ. Educ. Vol. 16, n. 1, p. 66-79.